

ISSN 2236-2991

Caderno de resumos do XIV EMEL

XIV Encontro Mato-grossense de Estudantes de Letras

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Reitor	Prof. Me. Adriano Aparecido Silva
Vice-Reitor	Prof. Dr. Dionei José da Silva
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Prof. Dra. Ana Maria Di Renzo
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Prof. Dra. Áurea Regina Alves Ignácio
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Profa. Dra. Vera Maquêa
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Francisco Lledo
Coordenação Regional do Campus	Prof. Me. Osvaldo Martins de Souza
Chefe do Departamento de Letras	Joil Antonio da Silva

Comissão Editorial

Adriana Cardoso
Nandara Maciel Leite Tinerel
Renan Barbosa Gomides
Solange Costa Martins
Vagner Vainer Teixeira Braz

Conselho Editorial

Profa. Ma. Ana Maria Macedo
Profa. Ma. Carmem Zirr Artuzo
Profa. Dra. Eliana de Almeida
Prof. Me. Epaminondas Matos Magalhães
Prof. Me. Heitor Marcos Kirsch
Prof. Dr. Helvio Moraes
Prof. Me. Joil Antonio da Silva
Prof. José Antonio Vieira
Prof. Dr. José Leonildo Lima
Prof. Me. José Pereira da Silva Neto
Profa. Dra. Madalena Machado
Profa. Dra. Marinei Almeida
Profa. Selma de Albuquerque Kirsch
Profa. Dra. Silvia Regina Nunes
Profa. Dra. Tereza Pazos da Silva

Coordenação Editorial
Projeto Gráfico/Diagramação

Revisão

Logomarca/Design

Helvio Gomes Moraes Junior/José Leonildo Lima
Silvia Regina Nunes/ Vagner Vainer Teixeira
Braz/Adriana Cardoso
Vagner Vainer Teixeira Braz/Adriana Cardoso
Hércules Outo

XIV Encontro mato-grossense dos Estudantes de Letras

“ESCRITORES, LEITORES, MÍDIAS: A atuação
dos profissionais de Letras”

CADERNO DE RESUMOS

REVISTA
01-04 de Maio de 2013
Calet - Centro Acadêmico de Letras “Dom Aquino Corrêa”
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Brasil
FronteiraDigital

Apoio:

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

COMISSÃO ORGANIZADORA



Renan Barbosa Gomides
Coordenador Geral / Coord. Comunicação

Adriana Cardoso da Silva Ferreira

José Antônio Vieira

Solande Costa da Silva Martins

Vagner Vainer Teixeira Braz

Coord. Acadêmica e Científica

Nandara Maciel Leite Tinerel

Coord. Estrutural

Henrique Aiala Abreu

Coord. Cultural

Giselle Resende Ferreira Lemes

Coord. Financeira

Sumário

RESUMOS

Literatura

- NADIFÚNDIO: O resgate dos seres desprovidos de valor pelo poeta Manoel de Barros e a crítica à modernização social em Gramática Expositiva do Chão (1966)**
Ronaldo Alves Ribeiro dos Santos (UFMT).....09
- A MEMÓRIA POÉTICA COMO PATRIMÔNIO DE SOFRIMENTO EM NO FUNDO DO CANTO, DE ODETE SEMEDO**
Angelica de Oliveira Ivo Amaral (UNEMAT).....11
- A MORTE E A VIDA: O sonho como efeitos simbólicos em o marinheiro**
Vagner Vainer Teixeira Braz (UNEMAT).....13
- NAVEGAR É PRECISO: Experiências no trabalho com a literatura na escola e nos estágios c. supervisionado. Uma relação entre literatura e leitor.**
Nandara Maciel Leite Tinerel (UNEMAT)
Dâmaris de Oliveira dos Santos (UNEMAT).....15
- BREVE ANÁLISE SOBRE AS PERSONAGENS CLARICEANAS DOS CONTOS “AMOR” E “A IMITAÇÃO DA ROSA” DA OBRA LAÇOS DE FAMÍLIA**
Jéssica Paola Bastiani Clemêncio (AJES).....17
- PROSPERIDADE E MENDICÂNCIA: os efeitos da sátira em “O caso do mendigo”, de Lima Barreto.**
Gislei Martins de Souza (IFMT).....19
- HAMLET: Um herói trágico entre duas concepções de mundo**
Vladimir Gomes Silva (UNEMAT).....21
- LITERATURA SURDA: Desenvolvimento cultural a partir da exclusão**
Diego Leonardo Pereira Vaz (UFG).....23

QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU? ENTRE MEDOS, VERDADES E DESCOBERTAS: Reflexões sobre a Literatura Infantojuvenil contemporânea
Epaminondas de Matos Magalhães (IFMT).....25

“O ENCONTRO” DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma leitura pós-moderna
Ediliane Gonçalves (UNEMAT).....27

Linguística e Linguística Aplicada

OS VÁRIOS EU: em face o locutor e interlocutor
Renan Barbosa Gomides (UNEMAT)
Henrique Aiala Abreu (UNEMAT).....29

REFLEXÕES SOBRE TEXTO E AUTORIA NO ESPAÇO ESCOLAR
Cíntia de Souza (UNEMAT).....31

RETALHOS DE MEMÓRIA: A voz feminina em um conflito no Araguaia
Juliany Teixeira Reis (AJES).....33

JESUITAS E ÍNDIOS RIKBAK TSA: Um jogo de imagens entre a pacificação e a preservação da língua nativa
Mileide Terres de Oliveira.....35

DISCURSO E ARTE: Sujeito e sentidos escapantes
Atilio Catosso Salles (UNIVÁS)
Laise Aparecida Diogo Vieira (UNIVÁS).....37

DISCURSOS SOBRE “DEPRESSÃO” NA REDE SOCIAL “FACEBOOK”: sujeitos e sentidos no espaço digital
Érica dos Reis de Souza (UNEMAT).....39

A LÍNGUA EM SEUS DIFERENTES FALARES COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO
Leila da Silva Pimenta Dombroski (AJES).....41

INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: a discursivização sobre a festa de peão em Pontes e Lacerda
Divino Alex Rocha de Deus (UNEMAT).....43

OS DESAFIOS DO ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Celestina Faria de Almeida (UNEMAT)

Marildete Gomes dos Santos Barnabé (UNEMAT).....45

DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: Uma proposta de ensino crítico

Márcio Evaristo Beltrão (UFMT).....46

APRENDER INGLÊS COM MÚSICA

Rita de Cássia dos Santos Penteadó (UNEMAT).....48

Língua Portuguesa e Língua de Sinais

DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ESCRITA

Fernanda Pereira de Souza (UNEMAT).....50

A SEMIÓTICA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE IMAGENS NA LÍNGUA DE BRASILEIRA DE SINAIS

Maikon Bruno Giehl (UFMT).....52

A INTERAÇÃO DO PROFESSOR COM O ALUNO SURDO

Jackeline Goulart de oliveira (UFG).....54

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO SUPERIOR

Ezequiel da Cruz Machado (UFMT).....56

TUTORIA DE LÍNGUA PORTUGUESA (CUR/UFMT) - DA INICIAÇÃO DOCENTE AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Bruna Beatriz Vanconcelo dos Anjos (UFMT)
Tiago de Castro rodrigues (UFMT).....58

PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Janaína Santos de Campos (UFMT).....60

LIBRAS: construções espaciais de sentenças

Lucas Eduardo Marques Santos (UFG).....62

REATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS DO DISCURSO: reflexões instauradas a partir da teoria e da prática

Leidiani da Silva Reis (AJES)
Jorge Bidarra (AJES).....64

UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Célia Aparecida Campos (AJES).....66

A INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Eloana Paola da Silva (AJES).....68

O GÊNERO MÚSICA NO ENSINO APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Alessandra de Souza Miranda (AJES).....70

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PERANTE ALUNOS SURDOS: Enfoque na perspectiva bilíngue

Rosilda Aparecida do Nascimento Guimarães (AJES).....72

LEITURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO

Carmelita Urbina da Silva (AJES).....74

A LINGUAGEM E SUAS AÇÕES NO ENSINO MÉDIO REGULAR: A contribuição do PIBID/Letras

Eloana Paola da Silva (AJES)

Célia Aparecida Campos (AJES)

Leila da Silva Pimenta Dombroski (AJES)

Carmelita Urbina da Silva (AJES).....76

IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: o gênero do discurso em foco

Alessandra de Souza Miranda (AJES)

Jéssica Paola Bastiani Clémencio (AJES)

Rosilda Aparecida do Guimarães (AJES)

Lidiamara Castilhos Pimentel (AJES).....78

LÁ VEM O SURDO, E AGORA?

Giselma Ribeiro de Souza (UFG)

Jackeline Goulart de oliveira (UFG).....80

Literatura

NADIFÚNDIO: O resgate dos seres desprovidos de valor pelo poeta Manoel de Barros e a crítica à modernização social em *Gramática Expositiva do Chão* (1966)

Autor: Ronaldo Alves Ribeiro dos Santos¹

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Leão Vieira

ronaldoalvesufmt@bol.com.br¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar parte do relatório parcial do projeto de pesquisa: *Entre o Regional e o Global na obra de Manoel de Barros: a crítica ao mundo da produção e ao valor das coisas como mercadoria em Gramática Expositiva do Chão* (1966). Partimos do princípio de que, na formação de um conhecimento (como um modo de saber e não mera apropriação) de um determinado objeto (no nosso caso a poética de Manoel de Barros), a teoria acompanhada de certos métodos e técnicas deve ser uma relação constitutiva da prática. Assim, o esforço será dirigido não para comprovar a validade da teoria empregada, ou de uma suposta hipótese, mas para entendermos a razão daquele objeto se constituir de tal maneira. A pesquisa é bibliográfica e possui como foco principal o livro: *Gramática Expositiva do Chão* (1966). Serão utilizados na pesquisa monografias, dissertações, teses e artigos científicos e documentários. A fortuna crítica sobre o Manoel de Barros será importante fonte documental. A obra apresenta inúmeros questionamentos e diversos objetos são ressignificados e retirados do seu papel de valor de uso e valor de troca para a “coisa em si” apresentando também no livro sua concepção poética. No livro, o poeta apresenta diversos

elementos que são encontrados no chão e que na sociedade urbano industrial não são utilizados por não possuírem valores ou fins lucrativos. Justamente ao buscar romper com as práticas engendradas por essa sociedade capitalista, Barros opta por utilizar para construção de suas poesias os seres “ínfimos”, os restos, os destroços, tudo aquilo que não é comercializado. Ressaltando que essa apropriação dos seres ínfimos para construção de suas poesias é evidenciada na maioria dos estudos realizados acerca de suas poesias. Não só ficando presa a esses elementos, a poesia é constituída por seres que marcaram a sua infância no pantanal-sul-mato-grossense, tais como: o sapo, a rã, a formiga, os pássaros, o chão, a pedra, o caracol, o caramujo. As discussões estabelecidas até o momento foram necessárias para compreender a poesia de Manoel de Barros no livro *Gramática Expositiva do Chão* (1966), pois ficou claro que o contexto cultural, econômico, político e social influenciaram e podem ser percebidos em suas poesias. Nota-se também a autonomia do poeta de inserir-se em suas poesias.

Palavras-chave: Gramática Expositiva do Chão. Manoel de Barros. Modernização.

Referências:

- AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. A “**desutilidade poética**” de Manoel de Barros - **questão de poesia ou filosofia?** Revista.doc. Ano VIII, Nº3. Janeiro/Junho de 2007
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.** 6º Ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1980
- CAMPOS, M. C. A. **Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas – educação vivência do chão.** Tese (Doutorado em cultura, Organização e Educação da Faculdade de Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007
- DALATE, Sérgio da. **Manoel de Barros: uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras.** Polifonia, Cuiabá, EdUFMT, Nº. 03, p.01-13, 1997
- BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão.** 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007

A MEMÓRIA POÉTICA COMO PATRIMÔNIO DE SOFRIMENTO EM *NO FUNDO DO CANTO*, DE ODETE SEMEDO

Autora: Angelica de Oliveira Ivo Amaral¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

Orientadora: Profa. Dra. Marinei Almeida

[angelicaunemat@hotmail.com¹](mailto:angelicaunemat@hotmail.com)

Resumo: Selecionados alguns poemas da obra *No fundo do canto*, de Odete Semedo, buscamos compreender em primeira instância a relação existente entre a poesia e o social, visto que a obra recria um período histórico de Guerra civil vivido por Guiné-Bissau. Embasados pelas ideias de Perrone-Moisés, pensamos a função social dessa poesia que grita, que denuncia, que questiona o sistema político-social desse país. Num segundo plano discorreremos sobre a constituição da memória que em algumas poesias ecoa de uma voz coletiva e se traduz por meio de um dizer individual, conceitos estabelecidos por Maurice Halbwachs. Com a criação de um eu poético que fala pelo seu grupo percebemos a voz de um sujeito que encontra na revelação das dores e feridas uma forma de superação de traumas que afetam sua alma. Na mobilização de suas memórias a poetisa aciona traumas que são superados através da exposição, purgação desses sentimentos que estavam silenciados. No conjunto de seus poemas Semedo mobiliza suas recordações individuais que agregada à memória de seu povo evidencia a referência aos costumes tradicionais, como a comunicação exclusiva pela oralidade, os mitos, as diversidades religiosas, o culto aos ancestrais e aos deuses étnicos guineenses. Em relação a estes aspectos procuramos nos respaldar nos pensamentos de Moema Augel. Todos esses fatores contribuem para o enriquecimento desta obra e o fortalecimento da sua ligação com o meio social em que foi produzida, o país africano de língua portuguesa, Guiné-Bissau. Odete Semedo escreve um novo discurso

literário em que traz a tona defasagens e conflitos gerados ao longo dos anos e que vinham impedindo o povo guineense de se reconhecer como uma verdadeira nação.

Palavras-chave: Poesia e o social. Memória coletiva e individual. Trauma. Superação.

Referências:

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

PERRO-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. Flores da escrivantina. São Paulo: companhia da letras, 1990

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007

VECCHI, Roberto. A Memória poética como patrimônio de sofrimento. In: CAVALHEIRO, Juciane (org.). **Literatura, Interfaces, Fronteiras**. Manaus: UEA Edições, 2010

A MORTE E A VIDA: O sonho como efeitos simbólicos em o *marinheiro*

Autor: Vagner Vainer Teixeira Braz¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

Orientador: Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães

[Vagnert11@gmail.com¹](mailto:Vagnert11@gmail.com)

Resumo: O presente estudo realiza a interpretação da peça de Fernando Pessoa, **O Marinheiro** (2003), visando abordar a morte em relação o efeito simbólico e sua representação no contexto do drama estático, em que é possível perceber que todos os elementos contribuem para a compreensão do sentido de morte. O campo teórico que norteará nossa indagação é: Jean Chevalier (2003) em seu **Dicionário de Símbolos**, Maurice Blanchot (1987) em **O Espaço Literário** e Antonio Candido (2002) com seu escrito **A Personagem de Ficção**. No drama estático **O Marinheiro**, temos uma história cheia de sonho e desejo veemente/impaciente de buscas em relação com a vida e morte do início ao término da peça. Destarte, **O Marinheiro** tem como efeito simbólico a morte. Que por sua vez é representada por um caixão, onde descansa uma moça, que é centrada a peça. Nesse espaço estático se encontra três veladoras, no qual percebemos uma divisão entre elas, uma vez que, a PRIMEIRA e a SEGUNDA veladoras se interrogam a respeito de circunstâncias e efígies desprendidas pela lembranças/emoções/medos. Já a TERCEIRA é consequente/objetiva, no decorrer do enredo. Mas, o enfoque/tema maior é a relação antitética vida/morte, embora o sonho também faça parte da temática do texto, pois, é através do sonho que a vida se encontra com a morte.

Palavras-chaves: Simbologia. Travessia. Fernando Pessoa. Teatro.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** / Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário** / Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: 2002

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

PESSOA, Fernando. **O Marinheiro**. Pará de Minas – MG: VirtualBooks Online M&M Editores Ltda, 2000/2003

SEABRA, José Augusto. **O Heterotexto Pessoano**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

NAVEGAR É PRECISO: Experiências no trabalho com a literatura na escola e nos estágios c. supervisionado. Uma relação entre literatura e leitor.

Autora: Nandara Maciel Leite Tinerel¹
Coautora: Dâmaris de Oliveira dos Santos

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
Orientador: Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães

[*nandara.maciel@hotmail.com¹*](mailto:nandara.maciel@hotmail.com)

Resumo: Este estudo pretende discorrer sobre as experiências vividas nos estágios supervisionados, especificamente, o estágio III. Nosso intuito é também estabelecer algumas discussões acerca do que se refere ao ensino de literatura. Todas essas discussões vão ao encontro de alguns pontos teóricos que nos ajudaram a estabelecer questionamentos sobre esta disciplina que, muitas vezes, é tão desvalorizada por alguns alunos. Tivemos como apoio teórico os textos: “Leitura, escrita e literatura em tempos de internet” (2007), de Maria Teresa Freitas, “Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: “os amores difíceis”” (2007), de Egon de Oliveira Rangel e a obra **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo** (2002), de Ana Maria Machado. Nosso intuito também é o de observar as relações entre alunos e literatura em sala de aula, o que estes pensam e como agem/reagem diante da disciplina.

Palavra-chave: Literatura. Escola. Leitura.

Referências:

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. 2007

BORDINI, Maria da Glória. **Literatura na Escola de 1º e 2º Graus: Por um Ensino não Alienante**. 1985

BRAGA, Patrícia Colavitti. **O ensino de literatura na era dos extremos**. 2006

CANDIDO, Antonio. **O direito á Literatura**. In: *Vários Escritos*. 3ª. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria, 1995

FREITAS, Maria Teresa. **Leitura, escrita e literatura em tempos de internet**. In: PAIVA, Aparecida(org) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Aautêntica, 2007

LAJOLO, Marisa. “A leitura literária na escola” e “Os leitores, esses temíveis desconhecidos”, in: **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática, 2002

RANGEL, de Oliveira Egon. **Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”**. In: PAIVA, Aparecida(org) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Aautêntica, 2007

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2010

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia ponto e contra ponto**. SP, 2008

ZILBERMAN, Regina. **Que literatura para escola? Que escola para a literatura?**. 2009

BREVE ANÁLISE SOBRE AS PERSONAGENS CLARICEANAS DOS CONTOS “AMOR” E “A IMITAÇÃO DA ROSA” DA OBRA LAÇOS DE FAMÍLIA

Autora: Jéssica Paola Bastiani Clemêncio¹

*Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES
Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis.*

justjeh@msn.com¹

Resumo: Tendo em vista a proximidade da literatura com a sociedade que a insere, podemos considerá-la como uma importante ferramenta no processo de construção de um perfil histórico social, afinal, apesar de apresentar personagens e enredos fictícios, baseia-se e episódios representativos da realidade. Com base na literatura, ao fazer uma análise histórica sobre a mulher, percebemos que é escassa a literatura focada neste gênero, e que há poucos registros da trajetória feminina com o passar dos séculos. Este artigo analisa os contos “Amor” e “A imitação da Rosa” presentes na obra Laços de Família da autora Clarice Lispector, uma autora polêmica e complexa, caracterizada como feminista, cujos textos são construídos por base dos questionamentos dos padrões de conduta da sociedade, levando em consideração aspectos de sua própria vida, que se constituiu a partir dos acontecimentos de sua época. Nessa perspectiva, por meio das representações estilísticas da autora, esta análise volta-se para os aspectos que delimitam o papel da mulher na sociedade e, principalmente, diante da família. Faz-se referência à aspectos culturais, sociais, emocionais, entre outras particularidades que constroem sua forma de agir e pensar, envolvendo as questões psicológicas e os padrões de conduta da época. Através da leitura dos contos desta obra, percebemos um padrão comum entre as personagens que os protagonizam, pois todas enfrentam conflitos internos gerados por situações cotidianas da vida em família. Em cada um destes conflitos é demonstrada a principal característica desta autora, que está em captar a essência do ser humano, revelando ao leitor, através dos momentos de epifania de suas heroínas, uma visão única do universo psicológico feminino. Cada personagem, no entanto é

dona de um perfil individual de pensamento e encontrar estes perfis através das características identitárias individuais de cada personagem é o objetivo desta pesquisa.

Palavras-chave: Família. Mulher. Gênero. Perfil.

Referências:

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

CÂNDIDO, Antônio. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

PROSPERIDADE E MENDICÂNCIA: os efeitos da sátira em “O caso do mendigo”, de Lima Barreto.

Autora: Gislei Martins de Souza¹

Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT

gisleimsouza@hotmail.com¹

Resumo: O trabalho propõe discutir as estratégias narrativas utilizadas por Lima Barreto na confecção da crônica intitulada “O caso do mendigo” (1911) publicada em seu livro *Bagatelas*. Pretende-se, com isso, considerar em que medida o escritor propõe uma crítica à sociedade do seu tempo por meio da figura do Mendigo. O fato ocorrido com esse personagem, por sua vez, instaura-se como ponto de discussão em torno da necessidade de os pobres economizarem, já que o sujeito-mendigo poderia ter vindo de outro país com o objetivo de enriquecer, mas ao chegar ao Brasil ficara cego. Torna-se relevante, nesse sentido, discorrer sobre o modo pelo qual o cronista/narrador usa de sua engenhosidade literária para produzir um efeito satírico em torno deste caso e, principalmente, das táticas usadas pelo Mendigo para o seu ofício. Para tanto, esta proposta de estudo tem como suporte teórico a pesquisa de Candido (1992), como também de Arriguci JR (1987) sobre o gênero crônica. Além disso, baseia-se ainda nas considerações de Hansen (2004) a respeito dos efeitos que projetam a sátira, bem como em Baudrillard (1995) para quem a ideia de consumo extrapola os limites do econômico. Aqui se configura o paradoxo entre a sociedade de meados do século XX, que elegeu a vitrine como foco do olhar, e a necessidade do personagem Mendigo, ser anônimo, de economizar.

Palavras-chave: Sátira. Crônica. Sociedade de consumo.

Referências:

ARRIGUCI JR., Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica** – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

LIMA BARRETO. “Caso do Mendigo”. In: _____. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995.

HAMLET: Um herói trágico entre duas concepções de mundo

Autor: Vladimir Gomes Silva¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
Orientador: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Jr.

vlady_119@hotmail.com¹

Resumo: Neste estudo buscamos pensar em Hamlet como um ser, fruto de todo o movimento renascentista, sendo um herói pioneiro em demonstrar os reflexos de uma nova perspectiva humana que se enraizava e se sobrepunha sobre outra, mas sem que a extinguisse totalmente. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os reflexos do renascimento e da filosofia humanista sobre Hamlet, um dos maiores heróis trágicos. Buscamos perceber em que medida essas transformações causadas por este movimento afetam este herói, e de que maneira ele se porta ante este novo mundo que nasce e se estabelece sobre toda uma antiga concepção de mundo. “O homem é a medida de todas as coisas” neste pensamento de Protágoras o homem é colocado como o cânon da sua própria existência. Os gregos refletiram muito sobre o próprio homem e sobre o mundo no qual ele vive. O cristianismo interrompeu e silenciou essas reflexões com sua cosmovisão teocêntrica de maneira que o mundo só podia ser explicado e pensado a partir de Deus. Isso não era algo novo, pois pensar o mundo e a existência a partir do crivo teológico, não era algo estritamente dos cristãos, pois o homem começa a explicar o mundo a partir dos deuses: sendo este o estágio que Conte chama de teológico. O que o cristianismo fez foi conseguir propagar essa ideia em detrimento de todas as outras, de tal modo que silenciava ou hibridizava as outras visões a partir da sua.

Palavras-chave: Homem. Subjetividade. Perspectiva. Angústia. Relatividade.

Referência:

SHAKESPEARE, William – **Hamlet** – tradução: Pietro Nasseti, SP, ed. 2ª – Martin Claret, 2008.

ROSENFELD, Anatol, **Texto/Contexto I**, São Paulo: Perspectiva, 2009.

PICO DELLA MIRANDA, Giovanni – **Discurso Sobre a Dignidade do Homem**. Trad. Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa. Ed. 70, 1998.

LITERATURA SURDA: Desenvolvimento cultural a partir da exclusão

Autor: Diego Leonardo Pereira Vaz¹

Instituição: Universidade Federal de Goiás-UFG

dileo.libras@hotmail.com¹

Resumo: A literatura permeia a vida das pessoas a séculos através de registros pictográficos e escritos. Quando se pensa em literatura surda percebe-se que não há registros históricos que contemplem os surdos que utilizam de uma língua que é visual-espacial fato esse que impede a comprovação desta literatura. Os recursos tecnológicos atuantes na documentação dessa literatura que recentemente vem ganhando espaço e sendo muito bem quista não somente pelo povo surdo, mas também por toda comunidade acadêmica. Compondo essas tecnologias pode-se citar as fitas em VHS, DVD e recentemente a massificação da internet vem contribuindo para a facilitação de acesso pela comunidade. A autora Karnopp afirma que a literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da LIBRAS e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais, objetivando catalogação e reunião de acervos de textos literários que são contados entre os surdos. A literatura surda nada mais é do que aspectos científicos da cultura do povo surdo e ela vem carregada de sentimentos e fragmentos culturais de pessoas que foram excluídas da sociedade e como resultado dessa exclusão surgiu essa cultura diferenciada que apesar de muito falada ainda é pouco explorada.

Palavras-chave: Literatura surda. Tecnologia. Cultura.

Referências:

KARNOPP, L. **Literatura Surda**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf>. Acesso em 15 fev. 2013

KARNOPP, L.; HESSEL, C. **Metodologia de Literatura Surda**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf>. Acesso em 15 fev. 2013

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008

**QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU? ENTRE MEDOS, VERDADES E
DESCOBERTAS: Reflexões sobre a Literatura Infantojuvenil contemporânea**

Autor(a): Epaminondas de Matos Magalhães¹

Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT

epa.magalhaes@hotmail.com¹

Resumo: Nesta oficina buscar-se-á discutir/refletir sobre a Literatura Infantojuvenil na contemporaneidade, focando, especificamente, por meio da análise e investigação dos contos de fadas revisitados e reescritos e as narrativas contemporâneas de *Lygia Bojunga*, *Sérgio Caparelli*, *Ruth Rocha* e *Ana Maria Machado* os diálogos possíveis entre os textos infantojuvenis clássicos e contemporâneos, verificando como é tratada a criança, suas descobertas, medos e incertezas. Também será discutido a Literatura Infantojuvenil em meio aos procedimentos midiáticos e como esta literatura lida com a cibercultura. Esta oficina, além de traçar algumas questões teóricas, buscará, também, demonstrar alguns procedimentos de análise para o texto infantojuvenil, bem como estabelecer algumas características que envolvem esta literatura. De forma geral, a oficina estabelecerá uma comparação entre as narrativas dos contos de fadas clássicos com as narrativas infantojuvenis contemporâneas, levando em consideração o papel desempenhado pelas personagens frente aos impasses do amadurecimento.

Palavras chave: Literatura infanto-juvenil. Contemporaneidade. Clássicos.

Referências:

AGUIAR, V. T. **Era uma vez... na escola** - formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1984.

“O ENCONTRO” DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma leitura pós-moderna

Autora: Ediliane Gonçalves¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

dilly200527@gmail.com¹

Resumo: A escrita lygiana apresenta o homem conflituoso e determinado em uma busca interiorizada rumo a si mesmo. No entanto, o resultado dessa busca não é o alvo, mas o caminho de descoberta, o encontro de um ‘eu’ multifacetado e vazio que não se completa na fugacidade do mundo e suas relações. Dentro desse viés, propomos um estudo mais detido do conto “O encontro” de Lygia Fagundes Telles para destacarmos na materialidade da arte indícios pós-modernos que partem da bibliografia que segue. As relações cotidianas encontram-se desintegradas e o homem busca construir uma identidade em transformação a cada dia. Todavia, a relevância maior é o contato, o encontro do leitor com o texto literário. Consideramos fundamental que esse possa fazer sua leitura imprimindo, assim, suas marcas na construção artística que envolve a literatura. O que pretendemos com tal estudo é despertar o acadêmico/cursista para as possibilidades de leitura e interpretação da arte que determina seus próprios limites e abrangência teórica e interpretativa.

Palavras-Chave: Pós-moderno, Multifacetado, Literatura, Fugacidade.

Referências:

TELLES, Lygia Fagundes. **Oito contos de amor**. São Paulo: Ática S. A., 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. Entrevista a Benedetto Vecchio. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no mar** – a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

LINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA APLICADA

OS VÁRIOS EU: em face o locutor e interlocutor

Autor: Renan Barbosa Gomides

Coautor: Henrique Aiala Abreu

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

Orientador: Profa. Ma. Walmira S. A. Moraes

Resumo: Para a realização deste trabalho foi usado como material de pesquisa o discurso da professora Amanda Gurgel, de onde recortamos o objeto de estudo que é ‘a posição do **EU** (ele mesmo) em função dos **Sujeitos Outros**’ (ele mesmo). Para a discussão do trabalho ressaltamos alguns objetivos, que são: compreender as diferentes posições enunciativas na linguagem; discutir teoricamente a proposta enunciativa de Benveniste e por último compreender as relações de sentidos estabelecidas entre os sujeitos da enunciação: Locutor e alocutários. Pretendemos, portanto, fazer uma breve discussão sobre os valores da enunciação enquanto realização individual da língua e, também, sobre as posições dos sujeitos que por muitas vezes se alternam e tomam lugares diferentes no enunciado. Nesse sentido, a relevância da pesquisa está em nos fazer compreender as propriedades linguísticas que constituem o processo de enunciação. Para que fosse possível chegar aos resultados obtidos neste trabalho foi necessário fazer um recorte para ser objeto de estudo. Em seguida, foi analisado e aplicadas as teorias de Benveniste, observando as funções do sujeito no enunciado, que se transformam em face dos sujeitos outros. É importante salientar que o recorte escolhido é o depoimento de uma professora que se apropria do discurso enquanto EU mesmo e de sua categoria. Socializar significa uma possibilidade de interlocução e, por conseguinte, momento de interação e ampliação de conhecimentos.

Palavras-chave: Eu. Locutor. Interlocutor. Discurso.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística Geral II: O aparelho formal da enunciação**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e Autoria, In: LAGAZZI-RODRIGUES & ORLANDI, Eni P.(orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006

REFLEXÕES SOBRE TEXTO E AUTORIA NO ESPAÇO ESCOLAR

***Autora:** Cíntia de Souza ¹*

***Instituição:** Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
Orientador: Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus*

Cintia-1403@hotmail.com¹

Resumo: Propomos em nosso estudo procurar perceber a relação de texto e autoria, no qual levantaremos algumas reflexões sobre esta categoria no espaço escolar. Buscamos compreender como podemos desenvolver e trabalhar a autoria, e ainda tentamos responder se a escola seria a responsável por desenvolvê-la. Para tanto iremos recorrer aos estudiosos: Foucault, Lagazzi-Rodrigues, Eni Orlandi, Guimarães Rosa e Sírio Possenti. Com base nas discussões dos autores chegamos à conclusão que o professor para realizar um trabalho com a autoria precisaria considerar as possibilidades de interpretações de seus alunos como possíveis, não devendo acreditar que só existiria uma única interpretação para determinado texto, a sua própria ou a do livro didático, ou seja, a do contexto escolar. A partir das discussões levantadas sobre estes autores e as reflexões feitas neste estudo conseguimos entender que para desenvolver e trabalhar a autoria não precisaria dar a sua voz o caráter de ineditismo, e sim que o autor se constituiria como aquele que constrói seu discurso, a partir de outros discursos, que organiza várias vozes dentro da sua, de forma a construir seu texto. Assim poderíamos estar trabalhando a autoria nas produções textuais dos alunos, em que desenvolveríamos também a leitura, na qual temos que levar os alunos a construir sentidos diferentes daqueles impostos no livro didático, e sim realizar interpretações com base no seu contexto sociocultural. Portanto devemos compreender o texto como um espaço de produção

e de construção de sentidos, em que a autoria daria no trabalho com o significante, delimitando a construção dos sentidos possíveis.

Palavras-chave: Autoria. Leitura. Escrita.

Referências:

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e Autoria, In: LAGAZZI-RODRIGUES & ORLANDI, Eni P.(orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006

ORLANDI, E. P. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor, In: **Discurso e Leitura**. 4 ed. São Paulo:Cortez/ Campinas: Editora da Unicamp, 1999

_____. & GUIMARÃES, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito, in: ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988

POSSENTI, S. Discurso, sujeito e o trabalho de escrita, in: NASCIMENTO, E. M. F. S. e GREGOLIM, M. do R. V. (orgs.) **Problemas atuais da AD**. Araraquara: Editora da UNESP:1994

RETALHOS DE MEMÓRIA: A voz feminina em um conflito no Araguaia

Autora: Juliany Teixeira Reis¹

*Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai.*

[julianytr@hotmail.com¹](mailto:julianytr@hotmail.com)

Resumo: Esta pesquisa busca analisar o discurso de mulheres que durante a ditadura militar de 64 vivenciaram um conflito de luta pela terra em Santa Terezinha MT, situada à região norte Araguaia. O conflito se desdobrou pela falsa denúncia que a fazenda Codeara realizou à segurança brasileira, que em Santa Terezinha culminava-se um movimento de guerrilha, e sobretudo, por estar próxima à região de ocorrência da guerrilha do Araguaia. A presença do Exército brasileiro foi marcante para os camponeses teresinenses. Houve uma série de ameaças, seguidas de tortura e pressão psicológica, com intensidade sobre as mulheres. O Brasil vivia os anos de chumbo, e neste período não se podiam argumentar em favor da democracia, as pessoas eram obrigadas a permanecerem silenciadas mesmo passando por condições desumanas. As mulheres de Santa Terezinha, assim como muitas mulheres brasileiras, ocuparam um papel duplamente transgressor: o de romper com as questões de gêneros e o de insurgir contra a ditadura militar. Entender os sentidos desse acontecimento através de uma memória sedimentada onde as mulheres nunca falam é que nos instiga a desenvolver esta pesquisa, principalmente porque nunca se falou de mulheres nesta época e neste lugar. Assim, com o propósito de dar voz às mulheres que realizamos este trabalho escutando o trabalho do discurso através de entrevistas. Esta pesquisa se filia na Análise de Discurso de linha francesa. Articulamos, em especial, os conceitos de memórias e gestos de leitura.

Palavras-chave: Mulher. Discurso. Memória.

Referências:

AGABEM, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida na nua** / Giorgio Agabem; tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002

MARIANI, Bethania Sampaio Correia. **O PCB e a Imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Campinas, SP, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp: Revan, 1998

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2010

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. Ed. 8. São Paulo: Contexto, 2006.

JESUITAS E ÍNDIOS RIKBAK TSA: Um jogo de imagens entre a pacificação e a preservação da língua nativa.

Autora: Mileide Terres de Oliveira¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

milly-0502@hotmail.com¹

Resumo: Este trabalho analisa os processos discursivos relacionados aos indígenas Rikbaktsa situados no noroeste do estado de Mato Grosso. Serão considerados dois aspectos das formações imaginárias dos discursos: a pacificação dos Rikbaktsa por meio da educação jesuítica e os procedimentos educativos utilizados atualmente para a preservação da língua nativa deste povo. A Análise de Discurso visa a interpretação aprofundada dos diversos dizeres de um determinado enunciado. Partindo deste pressuposto, buscamos analisar as formações imaginárias que se formam em torno da pacificação dos Rikbaktsa, decorrentes de diversas ações jesuíticas que aconteceram na década de 1960. Serão observados três aspectos de formações imaginárias estabelecidas pelos missionários: atrair e amansar os indígenas, educá-los e civilizá-los por meio da qualificação profissional. Nesse processo a língua foi a principal perda cultural, refletindo nas futuras gerações, além das imposições de uma cultura voltada para o capitalismo e não para a realidade indígena.

Palavras-chave: Rikbaktsa. Discurso. Jesuíta.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972

ORLANDI, Eni (org.) **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

PACINI, Aloir. Pacificar: **Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. **Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio do Janeiro, 1999

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. “A propósito da Análise Automática do Discurso” (1975). *In* GADET, F. e HAK, T. (orgs.) (org.) **Por Uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas SP: Editora da Unicamp, 1990

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 2006

DISCURSO E ARTE: Sujeito e sentidos escapantes

Autor: Atilio Catosso Salles¹

Coautora: Laise Aparecida Diogo Vieira

Colaboradora: Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa

Instituição: Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS

Orientador: Profa. Dra. Eni Puccinelli Orlandi

atiliocs@gmail.com¹

Resumo: Esta oficina destina-se aos graduandos e pesquisadores nas áreas de Letras e Linguística e visa à apresentação e compreensão de algumas noções presentes em Análise de Discurso, entre elas, a de materialidade significativa, interpelação ideológica do indivíduo e efeitos de sentido. A proposta divide-se em dois momentos: i) a reflexão acerca dos meandros de diferentes objetos simbólicos, na especificidade da cena e da imagem e ii) a questão de corpos “instalados”, intensificadores de palavras e silêncios, em meio ao espaço urbano. Nessa perspectiva, pensando a relação discurso e arte, lemos os movimentos denominados instalações, intervenções, performances e flash-mobs como acontecimentos discursivos, em que buscaremos compreender a significação e o movimento de sentidos instalados, entre o eu e o outro, sujeitos escapantes, seus espaços de ocupação e, por conseguinte, as não coincidências de corpos, estruturados pelos modos de produção de vida material. Os fundamentos teóricos desse trabalho norteiam-se a partir de Pêcheux (2002; 2010), Orlandi (1995; 2012) e Badiou (2002), cujas leituras serão discutidas e movimentadas em gestos de análise, por meio de produções audiovisuais. A oficina integra-se a um dos recortes do grupo de pesquisa “Materialidade do sujeito, corpo e sentido”, sob a coordenação dos professores Dra. Eni Orlandi (UNIVÁS) e Dr. Lauro Baldini (UNICAMP). E também, filia-se ao projeto de pesquisa “Imagens em suas discursividades”, coordenado pela professora Dra. Greciely da Costa (UNIVÁS).

Palavras-Chave: Materialidade. Corpo. Sentido.

Referências:

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas-SP: Pontes, 2012

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2002

_____. e GADET, Françoise. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas-SP: Ed. RG, 2010

DISCURSOS SOBRE “DEPRESSÃO” NA REDE SOCIAL “FACEBOOK”: sujeitos e sentidos no espaço digital.

Autora: Érica dos Reis de Souza¹
Colaborador: Atilio Catosso Salles

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Almeida

erica.reis@hotmail.com.br¹

Resumo: Esta proposta de comunicação se filia a análise materialista do discurso e visa problematizar como o sentido de "depressão e..." tem sido formulado na sua relação com o mundo digital. De fato, intuímos dar visibilidade pela linguagem aos diferentes processos de constituição de um determinado sentido de “depressão e...”. Nessa direção, através da análise de páginas como: “Depressiva da depressão”, “Funerea da depressão” e “Instagram da depressão”, tomadas em suas condições de enunciação, observaremos como circula os efeitos de sentido de “depressão” na rede social Facebook. Pensando o universo global juntamente com as redes sociais na internet, lugar de produção onde abre um novo modelo de tempo-espaço e da modernidade-mundo, em que as barreiras, diferenças e distâncias aparecem diluídas, que Romão (2004), tece esse cenário como os nós, em que os sujeitos se prendem nessa teia, são tão complexos quanto a conexão entre links na galáxia-internet; complexos, sobretudo, pela topologia multilinear que a rede inaugura, pela fragmentação de sentidos que ela proporciona e pelo apagamento das condições sócio-históricas de produção que ela promove. Escolhemos, para interrogar o funcionamento e estrutura da palavra “depressão” na rede social “Facebook”, partir da compreensão dos constantes trajetos histórico-sociais do homem na relação com o simbólico e com o político. Para tanto, os fundamentos teóricos desse trabalho norteiam-se a partir de Pêcheux (2002; 2010), Orlandi (1995; 2012), Dias

(2011; 2012) e Barbai (2012), cujas leituras serão discutidas e movimentadas em gestos de análise de sujeitos e sentidos em seus “tropeços e movimentos” virtuais.

Palavras-Chave: Sentido. Sujeito. Espaço digital.

Referências:

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. ed. 9°. São Paulo: Pontes, 2009

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. e GADET, Françoise. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Trad.: ROMÃO, Lucília Maria Sousa - Nós, Desconhecidos, Na Grande Rede. Linguagem em (Dis)curso – Lem D, Tubarão, v. 5, n.1, p. 71-91, jul./dez. 2004.

A LÍNGUA EM SEUS DIFERENTES FALARES COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

Autora: Leila da Silva Pimenta Dombroski¹

*Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES
Orientador(a): Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis*

leilajuina@hotmail.com¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo fazer o uso teórico da sociolinguística por demonstração de seu objeto de estudo que são as variedades linguísticas. A sociolinguística surgiu nos anos 60, esse estudo veio para expressar que a língua não é apenas um sistema estruturado, porém é válido para que haja a interação dos indivíduos que fazem parte da sociedade. A língua e a sociedade sempre estiveram juntas, no entanto só depois de muito tempo que ambas foram consideradas um processo funcional do contexto sócio-histórico. Labov (1969) é titulado como o pai da teoria variacionista, apesar de haver outros linguistas que também contribuíram com esses estudos, foi ele que se aperfeiçoou na pesquisa científica trazendo os fatos linguísticos até então não estudados na área da linguagem por haver dificuldades na apreensão dos dados. A teoria variacionista se inspira em métodos sociológicos para fazer a abordagem da pesquisa em campo, isto é, ao levantar dados, o sociolinguísta deve saber como se aproximar das pessoas para que elas hajam naturalmente como se estivessem em seu habitat rotineiro. Esses colaboradores não devem saber que estão sendo avaliados, porque desse modo não seriam eles mesmo, o que faria com que os estudos não tivessem originalidade. A intenção da sociolinguística com os usuários da língua é registrar, descrever e analisar a os diferentes falares que há em cada meio social, por isso utiliza a variedade linguística como foco do estudo. Entretanto, para analisar essas variedades da língua, o linguista segue duas versões: diacrônica e sincrônica. A diacrônica que tem como

base histórica, a qual especula a variante em desuso e a descreve e a distingue. No entanto a sincrônica que é o mesmo plano temporal, usa de três visões avaliativas: diatópica, diastrática e diafásica. Na visão diatópica as variedades são observadas de forma horizontal que levam em consideração o mesmo espaço e tempo histórico; é conhecido pelo modo de falar de cada região geográfica. A diastrática leva em consideração a camada social e a diafásica é a variedade de registro, ou seja, uso que se faz da fala. Portanto a língua é um instrumento de comunicação e sem ela não há elos interativos, por isso a sociolinguística nos auxilia com os registros da língua em suas mais diversas variações sociais.

Palavras-chave: Sociolinguística. Língua. Comunicação.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 28^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 2^a Ed. – São Paulo: Contexto, 2004

PRETI, Dino. **Sociolingüística: Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolingüístico do diálogo na Literatura Brasileira**. – 8. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997

INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: a discursivização sobre a festa de peão em Pontes e Lacerda

Autor: Divino Alex Rocha de Deus¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

[Alexalex1000@gmail.com¹](mailto:Alexalex1000@gmail.com)

Resumo: A partir da análise de discurso materialista (Pêcheux 1969 na França; Orlandi 2004 no Brasil) empreendemos uma análise sobre como a cidade de *Pontes e Lacerda* é/está inventada/significada na discursividade sobre o rodeio. Nossa escuta de sentidos tem como material de análise excertos de transcrições de vídeos de divulgação de edições do evento, promovido pelo Sindicato Rural de *Pontes e Lacerda* e nos valemos também de uma matéria publicada na revista *Veja*, em setembro 2009 (ed. 2130, ano 42, nº 37) intitulada: “PONTES E LACERDA: Na Capital Mato-grossense do Rodeio, até a tristeza pula de alegria”. Pelo contexto sócio-histórico e pelos recortes analisados percebemos que a repetição organiza e naturaliza sentidos para cidade. Na materialidade discursiva há uma repetição regular que aponta que, ao falar do espaço que circunscreve o rodeio, se materializa gestos interpretativos com quais (se) produzem modos de dizer *um espaço unificado* – cidade e campo. Assim, para o universo do rodeio, *Pontes e Lacerda* está dita como potencial em atividades econômicas primárias, com foco na agropecuária e o extrativismo. Nessa escuta de sentido, percebemos ainda que se trabalha com o imaginário do bruto, do rústico, do homem do campo na relação com a terra e do ideal de força, de coragem e de habilidade trabalhada pelo domínio do homem sobre o animal na arena. Com este funcionamento, o rural passa a ser exposto na cidade: o homem e a atividade do campo passam a constituir a imagem ideal do pontes-lacerdense. A cidade se ‘ruraliza’ ao mesmo tempo em que o rural se ‘urbaniza’. A discursividade sobre a *Expoeste* tematiza o rústico, o bruto, as atividades de trabalho do

homem do campo, mas é um rústico refinado, é o bruto estilizado pelo citadino e é o trabalho 'rural' cronometrado e organizado para a vida urbana. Parece-nos, então, que sujeitos do campo e da cidade se deslocam do sentido cotidiano e imaginariamente estão/são significados por um ponto de encontro de identidades (no qual apaga-se as diferenças) no processo discursivo que projeta Pontes e Lacerda como capital do rodeio de Mato Grosso.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Cidade de Pontes e Lacerda. Invenção de sentidos. Festa de peão.

Referências:

LAGAZZY, Suzy. **Deixar a cidade. Vir para a terra. O discurso urbano em movimento.** In Rua, nº 5 Nudecri, Campinas, 1999.

ORLANDI, Eni. **Interpretação.Cidade dos sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2004.

PAYER, Onice M. O rural no espaço pública. In. **Cidade atravessada.** Campinas. Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel..Análise Automática do Discurso (AAD -69). In : **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux/** organizadores Francoise Gadet; Tony Hak; Tradução Bethânia S. Mariani ... [et ed. al] – SP: Editora Unicamp, 2010. (p. 59 – 159).

_____.Delimitações, Inversões e Deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos (19).** Campinas: Unicamp, 1990, p. 7-24

OS DESAFIOS DO ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autora: Celestina Faria de Almeida¹

Coautora: Marildete Gomes dos Santos Barnabé

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

Orientador(a): Profa. Ma. Geni Conceição Figueiredo Zacarkim

fariaalmeida@hotmail.com¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar os resultados de uma pesquisa de observação realizada no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no município de Tangará da Serra. Teve como objetivo específico discutir o papel da compreensão do ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE) nas aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nosso questionamento partiu da necessidade de se desenvolver um trabalho que fosse adequado a esse grupo de alunos e, além disso, analisar a melhor forma de se inserir o ensino/aprendizagem da língua espanhola nessa modalidade específica de ensino.

Palavras chave: Espanhol. Desafios. Aprendizagem da EJA.

Referências:

SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas; Mercado de Letras, 1998. SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Pretópolis: Vozes, 2007

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: Uma proposta de ensino crítico

Autor: Márcio Evaristo Beltrão¹

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

marcioevaristobeltrao@hotmail.com¹

Resumo: Cada vez mais questões de ordem sociocultural influenciam no processo de ensino aprendizagem, fazendo surgir uma intrínseca relação do que ocorre em sala de aula com o que é vivido fora dela. Com isso, problemas e discussões presentes em nossa sociedade precisam ser trabalhados durante as aulas, para que os alunos recebam um ensino que os levem a refletir sobre qual postura adotar perante o que eles vivenciam, tornando-os cidadãos críticos e conscientes. Duas das mais complexas a se trabalhar são as categorias *Gênero* e *Sexualidade*, pois, além de não serem frequentemente discutidas no âmbito escolar, envolvem princípios de formação de identidade que foram construídos durante a vida do aluno. Por meio das reflexões de Louro (2004) acerca de *Gênero*, *Sexualidade* e os pressupostos da pedagogia *Queer*, dos conceitos de identidade e diversidade propostos por Silva (2007), e da proposta de ensino crítico-reflexivo de línguas estrangeiras de Pennycook (1998, 1999), esse trabalho busca propor que, por meio de atividades crítico-reflexivas, é possível que o professor de Línguas Estrangeiras trabalhe *Gênero* e *Sexualidade* em suas aulas, pois, além de proporcionar ao aluno a problematização e a discussão desses aspectos que fazem parte de nossas identidades, contribui também para a superação do ensino de LE mecânico e sem preocupação social.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade; Ensino crítico-reflexivo; Línguas Estrangeiras.

Referências:

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas; Mercado de Letras, 1998. P. 23-49.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Pretópolis: Vozes, 2007

APRENDER INGLÊS COM MÚSICA

Autora: Rita de Cássia dos Santos Penteadó¹

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

rita_profe@yahoo.com.br¹

Resumo: Música é uma linguagem universal, usada para a comunicação, inspiração, educação, entretenimento etc. Ela consegue mudar o humor das pessoas (quando estamos tristes, basta ouvirmos uma música alegre; ou quando estamos nervosos ou ansiosos, é só ouvirmos uma música relaxante). Há músicas que marcam nossas vidas ou porque odiamos ou porque amamos. Quem não se lembra de músicas que aprendeu na infância? “*Meu lanchinho, meu lanchinho, vou comer, vou comer, pra ficar fortinho, pra ficar fortinho e crescer, e crescer.*” Às vezes ouvimos uma música uma única vez no dia e ela fica o dia todo na nossa mente. As propagandas, por exemplo, têm usado técnicas musicais por anos. Os *jingles* são criados especificamente para nos lembrar de seus produtos. Quem não se lembra da propaganda do *MC Donald's*: “dois *hamburgers*, alface, queijo, molho especial, cebola e pickles num pão com gergelim”? Qual o poder que a música exerce sobre a nossa mente? Se pensarmos sobre isso, notaremos que podemos usar música para ensinar. Na educação, está comprovado que este é um dos melhores métodos de aprendizagem. Aprender com música é muito efetivo, pois estimula a função cognitiva, o corpo, emoção e audição. Assim, o minicurso, **Aprender inglês com música**, apresentara uma proposta de se aprender inglês com música de forma divertida ensinando aos alunos como usar às técnicas de imitar e reproduzir outra língua. Trabalhando assim as habilidades de ouvir, ler, escrever e reproduzir na língua alvo. Levando em consideração o processo de compreensão da letra/texto da música trabalhada. A compreensão das letras será feita de maneira dedutiva, para que os alunos sugiram interpretações dos versos e comessem a pensar na língua alvo. Espera-se que esse

tipo de atividade possa despertar no aluno o interesse de buscar o vocabulário novo com o qual se depara em situações futuras. É uma proposta que considera seu texto na totalidade de seu significado, que não extraia somente vocábulos isolados e descontextualizados, cremos ser uma estratégia diferenciada, uma vez que atende a uma necessidade prática, o interesse de compreender a música que se ouve no momento.

Palavras-chave: Música. Aprendizado. Ouvir. Reproduzir. Imitar.

Referências:

LIMA, F. S. & BASSO, E.A. *A Música No Ensino de Língua Inglesa: No Ritmo do Aprendizado*. In: **EPLÉ - Encontro dos Professores de Língua Estrangeira do Paraná**, 2008, Curitiba. **Anais do XV EPLE**. Curitiba : Gráfica e Editora Lastro, 2008.

<http://www.lettras.mus.br>

<http://www.youtube.com>

Língua Portuguesa e Língua de Sinais

DERIVAÇÃO NA LINGUA ESCRITA

Autora: Fernanda Pereira de Souza¹

Instituição: Universidade Federal de Goiás-UFG

Orientadora: Prof. Me. Joil Antônio da Silva

[fernanda-fps-1@hotmail.com¹](mailto:fernanda-fps-1@hotmail.com)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo: I) estudar e refletir sobre as derivações nos jornais escritos; II) propor meios de abordagens teóricas que me permita identificar os tipos de derivação mais recorrentes nos jornais. Segundo Kehdi (1997) a diferença entre ambos é que os prefixos, ao contrário dos sufixos só se unem a verbos e a adjetivos, ou seja, um vocábulo relacionado ao verbo. Os prefixos são aqueles que possuem apenas um radical e um prefixo; ex: *infeliz*, e os sufixos aqueles que compõem uma palavra se unindo ao fim do morfema lexical, ex: *ruindade*. E também pode ocorrer a derivação parassintética, que é de forma simultânea ex: *ajoelhar* (prefixo 'a' e sufixo formador de verbo 'ar'). Ou prefixal sufixal, que são os pré e sufixos colocados em momentos distintos ex: *infelizmente* / *infelicidade*. Apresentarei a derivação das palavras que podem ser formadas por derivação prefixal ou derivação sufixal, no jornal 'A Gazeta'. Os primeiros exemplos são as seguintes palavras: *Recapamento*, *processamento*. Segundo Bechara (2009), podemos classificar esses prefixos e sufixos destacados como; mente- sufixo para formar advérbio, mento- sufixo formador de substantivo / ndo/ado- sufixo para formar adjetivo/ re- prefixo indicador de

repetição, intensidade / in/i/des - prefixo negativo, ou de sentido contrário. Há também verbos como ‘chegar, deparar’ etc; que são frequentemente conjugados (pretérito perfeito) ao serem incluídos ao texto. Nosso trabalho consistirá na leitura de jornais escritos na região, e identificação dos tipos de derivação mais recorrentes. Após a análise e colhimento dos dados, nos apoiaremos em teorias lexicais para a discussão dos resultados. Percebemos que a derivação sufixal por ser mais produtiva, é a mais encontrada no jornal. Até na língua falada, pois os sufixos agregados a determinadas palavras facilitam o vocabulário, por ex.; o indivíduo ao enunciar uma frase como ‘ eu vou ser sincera’ pode-se anexar o sufixo ‘mente’ e dizer ‘ sinceramente’ reduzindo a sua fala com propriedade e cultura vocabular. Desse modo, com o anexo de apenas um sufixo a compreensão da fala será a mesma.

Palavras-chave: Derivação. Sufixo. Fala.

Referências:

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 Ed. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2009.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 2 ed. São Paulo: ática, 1997.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. 2 ed. São Paulo: contexto, 1997.

A SEMIÓTICA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE IMAGENS NA LÍNGUA DE BRASILEIRA DE SINAIS

Autor: Maikon Bruno Giehl¹

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

maikongiehl@hotmail.com¹

Resumo: Embora a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tenha sido reconhecida e sancionada oficialmente perante a legislação brasileira enquanto uma língua, oriunda da comunidade surda do Brasil, sendo reconhecida também a existência de suas próprias regras gramaticais desde o ano de 2002, os estudos que envolvem esta área são ainda recentes e se dão de maneira díspar, dependendo da localização regional do país. Baseado nestas considerações, este é um trabalho que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento e aprofundamento no campo linguístico e semiótico da Língua Brasileira de Sinais, servindo de impulso para futuras pesquisas de continuidade nesta área. Para isso, apresento inicialmente o que é e como se constitui a Libras, por seguinte, levantar uma fundamentação teórica quanto ao signo ideológico, voltado aos conceitos de Bakhtin, e por fim, nos conceitos de semiótica e os estudos da criação e articulação das imagens, por Norval Baitello Junior, transpostos tais conceitos na Língua Brasileira de Sinais. Portanto, a Libras é considerada uma língua natural, pois surgiu a partir da necessidade dos sujeitos surdos se interagirem entre eles e com a sociedade, considerando que sua estrutura permite exprimir qualquer conceito, seja ele emocional, descritivo, metafórico, concreto, abstrato, enfim, expressar qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. A distinção entre as línguas orais e a língua de sinais se dá pela diferença na forma que as duas são concebidas, ou seja, as línguas orais são concebidas pelos canais ora/auditivo, e a libras sendo concebida pelo canal visual-espacial. Assim, a Libras se articula espacialmente e é percebida visualmente,

oferecendo em sua constituição mecanismos fonológicos, morfológicos, sintático, semânticos, incluindo também pragmático e semiótico.

Palavras-chave: Signo. Imagens. Semiótica. Libras.

Referências:

JUNIOR, Norval Baitello. **A sociedade das imagens em série e a cultura do eco.** Revista F@ro N°2, PUCSP/CISC

BAKHTIN, Mikhail e VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e a filosofia da linguagem.** 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica.** Coleção primeiros passos. ed. Brasiliense, 1983.

QUADROS, Ronice Muller – KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira – estudos linguísticos.** Porto Alegre – RS: ARTME Editora S.A., 2007.

A INTERAÇÃO DO PROFESSOR COM O ALUNO SURDO

Autora: Jackeline Goulart de oliveira¹

Instituição: Universidade Federal de Goiás-UFG

Orientadora: Diego Leonardo Pereira Vaz

jackeline_vnb@hotmail.com¹

Resumo: A surdez retira da pessoa somente a audição, mas não retira o senso de humanidade que é o que qualifica e dignifica o homem, seja surdo ou ouvinte. Ao passo que, para compreendermos como lidar com o surdo, devemos educá-lo como ele é, respeitando suas diferenças. A escola deve servir como um lugar de identificação do indivíduo, permitindo que este tenha acesso às informações e ao conhecimento, integrando-o ao meio social. O papel do professor é promover a aprendizagem e o desenvolvimento das potencialidades do aluno, garantindo que todos tenham oportunidades iguais, permitindo que os alunos aprendam a viver em coletividade, compartilhando e competindo saudavelmente. Quando o profissional da educação se depara com um aluno surdo sente pena ou incompreensão, e se vê limitado a educá-lo devido à dificuldade de comunicação tanto em LIBRAS quanto em português, uma vez que o professor não sabe se expressar em LIBRAS e o aluno surdo tem dificuldades com a língua portuguesa, pelo fato das estruturas do português e da LIBRAS serem distintas, sendo assim, o aluno surdo acaba sendo isolado. Para que haja a interação plena neste aprendizado, o intérprete de LIBRAS vem intermediar a comunicação professor - aluno. O objetivo deste trabalho consiste em identificar quais seriam os problemas enfrentados por professores com os alunos surdos, suas dúvidas, como ele pode adaptar sua metodologia de ensino e como estes devem se portar diante de tais alunos, além de esclarecer o papel do intérprete na sala de

aula. A nossa sociedade é feita de ouvintes e para ouvintes, na qual os surdos são minoria, por isso, o professor, com auxílio do intérprete, é uma peça fundamental para união dos mundos envolvidos.

Palavras-Chave: Surdo. Interação. Professor.

Referências:

DANESI, Marlene Canarim. **O admirável mundo dos surdos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Schwarcz Ltda . 2010

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO SUPERIOR

Autor: Ezequiel da Cruz Machado¹

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT
Orientadora: Profa. Ma. Lezinete Regina Lemes

lezinetelemes@yahoo.com.br¹

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar dados relativos às atividades elaboradas para explorar os módulos de ensino leitura e aspectos gramaticais para o Programa Tutoria de Língua Portuguesa, desenvolvido no *campus* de Rondonópolis. As atividades elaboradas seguiram o cronograma planejado para as aulas de língua portuguesa, pois são resultado da primeira atividade aplicada como diagnóstico. Com base nesse cronograma, elaboraram-se exercícios referentes a conhecimentos básicos, desde nível de linguagem até sobre o novo acordo ortográfico. Além disso, buscaram-se gêneros discursivos diversos, tais como as charges, as tiras, as notícias de jornais para mobilizar, nos acadêmicos, as capacidades de compreensão de leitura como ativação do conhecimento de mundo, localização e/ou retomada de informação, produção de inferência. As atividades elaboradas levaram em consideração às peculiaridades dos gêneros discursivos selecionados para cada conjunto de atividades bem como oportunizou aos acadêmicos participantes do Programa refletirem sobre a língua(gem) e suas múltiplas faces.

Palavras-chave: Tutoria de Língua Portuguesa. Leitura. Conhecimento gramatical.

Referências:

BAKHTIN, M. M. ([1952-53]/1979). Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007

SOLÉ, Isabel (1996). **Estratégias de leitura**. Traduzido por Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, M. **O novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008

TUTORIA DE LÍNGUA PORTUGUESA (CUR/UFMT) - DA INICIAÇÃO DOCENTE AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Autora: Bruna Beatriz Vanconcelo dos Anjos¹

Coautor: Tiago de Castro rodrigues

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

Orientador(a): Profa. Dra. Maráisa Magalhães Arsénio

bruhvasconcelo@hotmail.com¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas experiências vivenciadas pelos discentes tutores do Programa de Tutoria de Língua Portuguesa do Campus Universitário de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR). A Tutoria em Letras é um programa institucional vinculado à PROEG (Pró-Reitoria de Ensino de Graduação) e destina-se a atenuar as dificuldades referentes a língua materna, de alunos de todos os cursos do *Campus*. Ao chegar à graduação, muitos alunos apresentam certas dificuldades na escrita, leitura e interpretação, capacidades imprescindíveis para prosseguir no curso. A falta dessas capacidades de escrita e leitura levam muitos acadêmicos a desistirem e/ou repetirem. Por essa razão, a Tutoria de Língua Portuguesa, de um lado, visa auxiliar os discentes, buscando dar subsídios para essa lacuna na sua formação. Por outro lado, insere os tutores na iniciação à docência. Nós, tutores, somos responsáveis por desenvolver as atividades e trabalhar os conteúdos com os alunos. Essas atividades são desenvolvidas a partir de diversas reuniões semanais, nas quais são discutidos, junto com as professoras responsáveis pelo projeto, o planejamento didático das aulas, os exercícios a serem aplicados, a revisão teórica dos conceitos, pensando sempre nos alunos que serão atendidos. Esse planejamento parte da coleta de dados, por meio dos textos e exercícios de compreensão textual, em que são verificadas as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Este Programa está em fase inicial e tem permitido aos futuros professores reflexão sobre sua prática, priorizando a construção do perfil docente a partir de situações concretas de ensino.

Palavras-chave: tutoria de Língua Portuguesa. Iniciação à docência. Formação.

Referências:

BAKHTIN, M. M. ([1952-53]/1979). Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autora: Janaína Santos de Campos¹

*Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT
Orientadora: Profa. Ma. Lezinete Regina Lemes*

lezinetelemes@yahoo.com.br¹

Resumo: Este trabalho visa apresentar a proposta do programa Tutoria de Língua Portuguesa da UFMT/CUR, cujo objetivo é desenvolver diferentes módulos de ensino para leitura, conhecimento gramatical e produção textual para serem aplicados com os alunos inscritos no programa, oriundos de diversos cursos da UFMT. Em nossa proposta inicial, elaboraram-se atividades para diagnosticar os conhecimentos dos acadêmicos em relação a alguns conceitos da gramática normativa e identificar suas capacidades leitoras e de escrita que possuem e aquelas que precisam se mobilizadas. Essas atividades foram desenvolvidas e aplicadas pelos tutores. Cada grupo de tutores ficou responsável por um conjunto de exercícios sobre um determinado tema, direcionados à compreensão, à produção textual e a conhecimentos gramaticais. Assim, selecionaram-se gêneros tais como charge, tira, entrevista e anúncio publicitário para mobilizar cada um dos conhecimentos prévios dos discentes, para posterior, reflexão e preparação das atividades seguintes.

Palavras-chave: Tutoria de Língua Portuguesa. Atividades. Diagnóstico.

Referências:

BAKHTIN, M. M. ([1952-53]/1979). Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

SILVA, Maurício. **O novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008

LIBRAS: construções espaciais de sentenças

Autor: Lucas Eduardo Marques Santos¹

Instituição: Universidade Federal de Goiás-UFG

Orientador: Diego Leonardo Pereira Vaz

[lucasletraslibras@gmail.com¹](mailto:lucasletraslibras@gmail.com)

Resumo: As línguas de sinais também possuem uma sintaxe que é construída através do espaço e da locação dos léxicos em uso pelo sinalizante. QUADROS e KARNOPP (2004) a partir de pesquisas realizadas em ASL (American Sign Language) observa que as mesmas estruturas ocorrem em Libras (Língua Brasileira de Sinais). A organização das sentenças obedecem padrões muito mais flexíveis do que nas línguas orais como observado nas estruturas obtidas nas línguas de sinais. O sistema SVO sujeito, verbo e objeto é recorrente na modalidade oral auditiva por obedecer um padrão sequencial. Nas modalidades linguísticas visuo-espaciais este processo organizacional encontra outros padrões de uso do sistema já citado ao estabelecer uma relação de simultaneidade. As organizações podem ocorrer da seguinte forma: SVO como já explicitado; OVS nesse caso o objeto é marcado primeiro no espaço, o verbo em segundo e só então aparece o sujeito; VSO o verbo ocorre em primeiro plano, depois o sujeito é inserido e em ultimo lugar o objeto é sinalizado; VOS o verbo é trazido em primeiro plano logo após é colocado o objeto e o sujeito; SOV o sujeito é o primeiro elemento a aparecer na frase, em seguida o objeto e o verbo são explicitados; OSV onde o objeto é exposto primeiro e depois aparecem o sujeito e o verbo. Torna-se importante salientar que na Libras há o uso do sujeito oculto principalmente quando a frase está em primeira pessoa do singular “eu”. As frases podem ser afirmativas, negativas, interrogativas, condicionais, relativas, com tópico e com foco.

Palavras-chave: Sintaxe. Libras. Frase.

Referência:

DANESI, Marlene Canarim. **O admirável mundo dos surdos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Schwarcz Ltda. . 2010

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004

RECATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS DO DISCURSO: reflexões instauradas a partir da teoria e da prática

Autora: Leidiani da Silva Reis¹
Coautor: Jorge Bidarra

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES

leidianireis@hotmail.com¹

Resumo: Tendo em vista a dificuldade que os alunos sentem ao interpretar um texto, o presente artigo tem por objetivo refletir acerca do processo interpretativo no ensino de Língua Portuguesa. Mais especificamente, discutimos sobre o valor que elementos linguísticos exercem no instante da interpretação textual do gênero fábula. Dentre os vários recursos linguísticos existentes, este trabalho aborda elementos que colaboram na construção dos significados e na tessitura do texto, focalizando, então, o processo de referenciação. A fim de promover, considerando os limites e as possibilidades desta investigação, uma compreensão mais precisa do *corpus*, dentre os elementos referenciais possíveis na língua portuguesa, optamos por focalizar as retomadas não correferenciais, tendo em vista serem concebidas como uma forma de manifestação do produtor do texto (KOCH, 2005). Partimos da hipótese de que a abordagem desse recurso linguístico no ensino de Língua Portuguesa pode auxiliar o aluno na interpretação textual, tendo em vista o seu papel no processo de extração de informações relevantes do texto. Para efeito de sondagem, tomamos como *corpus* de análise respostas interpretativas produzidas, a partir de fábulas de La Fontaine, por alunos do 6º ano de uma escola pública de Cascavel-PR. Constatamos que, ao usar tais anáforas em suas respostas, os alunos deixaram transparecer suas escolhas com a finalidade de destacar traços ou características do referente e, assim, avaliá-lo, segundo suas crenças e seus pontos de vista.

Nessa direção, observamos que os alunos realizaram estratégias de (re)construção do referente, demonstrando compreensão dos textos lidos.

Palavras-chave: Anáfora não correferencial. Gênero Fábula. Interpretação textual.

Referências:

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984

KLEIMAN, Ângela Bustus. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 2009

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **Referenciação e orientação argumentativa**. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística)

UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autora: Célia Aparecida Campos¹

*Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES
Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis*

Celiaapcampos@hotmail.com¹

Resumo: Temos consciência de que a classe docente passa por uma crise no que concerne ao hábito e nível de leitura. Sabendo que todos que passam pela escola e, conseqüentemente, pelas mãos dos professores são alunos que podem ser bons leitores, dependendo da influência que recebem de seus educadores, consideramos relevante perscrutar o número de professores leitores. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, bibliográfico e de campo, em uma escola pública no município de Castanheira. Utilizamos da técnica questionário, que foi realizado apenas com os professores atuantes na área de Língua Portuguesa. Diante dos dados coletados, constatamos que os professores tem acesso a várias fontes de leitura. O resultado dos gráficos nos traz informações por ora contraditórias, uma vez que a respostas de um gráfico aponta que são poucos os que gostam de ler, porém, em outro percebe-se que se lê muito. É assustador concluir que no meio docente apenas a minoria, durante toda sua vida escolar, adquiriu gosto pela leitura, dada a importância que tem um professor leitor, bem informado, um formador de opinião. O gostar de ler deveria ser um requisito obrigatório para o professor da área de Língua Portuguesa, pois temos ciência da importância que tem na vida de seus alunos, pois pode exercer forte influência sobre esses, desenvolvendo neles também o gosto pela leitura. Porém, se o educador não possui o hábito da leitura, de que maneira pode exigir de seus alunos algo referente a isso? Sabemos que um dos meios pelos quais o aluno pode tomar gosto pela leitura é a influência do professor, e não necessariamente no que diz respeito à cobrança, mas também quando os alunos se deparam com um docente leitor, que ocupa um espaço de suas aulas para ler individual ou coletivamente na sala.

Palavras-chave: Professores. Leitura. Escola

Referências:

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Traduzido por Cláudia Schilling Alegre: Artimed, 1998

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006

A INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Autora: Eloana Paola da Silva¹

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES
Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis

bragajna@hotmail.com¹

Resumo: Esta é uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, onde analisarei e interpretarei aspectos descrevendo a complexidade do comportamento dos adolescentes diante a escrita, investigando o hábito e as atitudes destes, a forma de comunicação analisando as redações produzidas pelos discentes. Averiguando com qual frequência os alunos usam a nova linguagem da internet, conhecida como Internetês, em redações na sala de aula, percebendo se esta já virou um vício entre estes, ou é unicamente usada em redes sociais. A internet é um meio importante de comunicação, essencial para envolver as relações entre as pessoas e o mundo que as cerca. O uso de redes sociais têm-se tornado muito comum no Brasil, estas redes utilizadas faz com que haja produção de textos das mais diversas formas de escrita, devido ao número de pessoas que participam deste meio, dos mais variados lugares. A linguagem da internet, conhecida como Internetês é um gênero textual emergente, sendo um desafio a ser encarado pelo professor, uns teimam em resistir e aceitar o uso, outros inovam e trazem para dentro da sala de aula, esta nova realidade. Esta nova linguagem vai sendo adaptada aos poucos, aderindo alguns vocábulos da língua inglesa, o que é praticamente impossível de impedir que aconteça. Os adolescentes costumam criar esta escrita para economizar tempo, fazendo a redução das palavras para pequenas abreviaturas. A sociolinguística ampara a nova linguagem, pesquisando a linguagem virtual, devido ao imenso número de pessoas que se comunicam ao mesmo tempo nas redes sociais, faz com que

surjam diversas variedades linguísticas que são representadas parcialmente na internet. A variedade ocorre de acordo com a faixa etária, etnia, e idade que está inserida no diálogo, pois esta é ligada de acordo com o contexto social de cada grupo. Com a criação destes novos ícones podemos considerar então, que são autores, pois criaram algo que foi aceito por um grupo, no qual estão utilizando sua criação, um indivíduo que se habilita em escrever, toma sua função de autor. O internetês é uma linguagem comum, usada principalmente entre os adolescentes, esta linguagem possui suas características próprias. Devido o uso excessivo de redes sociais os alunos acabam por se confundir na hora de produzir suas redações na escola, e usam palavras do internetês, o que os prejudicam, pois esta deveria ser usada somente em redes sociais com seu grupo de amigos.

Palavras-chave: Internet. Redes. Linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, [1979]

FARACO, Carlos Alberto. **Autor e Autoria**, 2005

MARCUSCHI, L.A. XAVIER, A.C. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**, 2004

ALVAREZ, O. H. **O texto eletrônico: Um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita**.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

O GÊNERO MÚSICA NO ENSINO APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autora: Alessandra de Souza Miranda¹

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES

Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis

alessandra_juina@hotmail.com

Resumo: O estudo aqui elencado faz uma abordagem das teorias que envolvem os gêneros discursivos, que são variáveis e infinitos, sendo a língua a esfera predominante. Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) afirma que a língua não é estável, pois está em constante transformação, ou seja, mudanças. A mesma se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) ao decorrer do percurso, se tornando concretos e únicos, envolvendo uma situação discursiva. Assim, nesse contexto, temos a materialização de um gênero discursivo. Levando em consideração tais questões, o trabalho aqui realizado, tem como objetivo discutir passo a passo as teorias elencadas, revelando todo o caminho percorrido até chegar ao gênero música, que analisamos posteriormente, tendo em vista que o mesmo vem contribuir no ensino aprendizagem, pois através de seus enunciados exercem diferentes funções entre o texto e a melodia. Acreditamos que tal trabalho no ensino de Língua Portuguesa vem desenvolver a competência da expressão oral, da criatividade, fazendo com que o aluno se posicione criticamente provocando discussões. Para tanto, partimos de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, deixando possibilidade de aplicação em campo. Nessa perspectiva, selecionamos a música “ninguém=ninguém” de Engenheiros do Havaí e “Desordem” Titãs, como *corpus* de análise. Ao analisar tal música, verificamos que ela contém informações que ajudarão na construção do conhecimento do aluno, pois a mesma traz a realidade do meio social, bem como as constantes transformações que ocorrem neste.

Palavras chaves: Gênero música. Contribuição.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo da Filosofia da linguagem**. Décima primeira edição; editora Hucitec São Paulo, 2004

SOUZA NETO, Mauricio José de. **O gênero música como prática social: uma proposta de letramentos múltiplos em sala de aula**. II Seminário nacional em estudos da linguagem: *diversidade, ensino e linguagem 08 de outubro 2010* Unioeste - Cascavel / PR

MALANSKI, Elizabet Padilha. **Trabalho com o gênero textual “música”: sequência didática na exploração do tema** Professora PDE/2008 do QPM (Quadro Próprio do Magistério) da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná. O texto é resultado da implementação de atividades de conclusão do PDE/2008 – Programa de Desenvolvimento Educacional da SEED – Secretaria Estadual de Educação –, realizado na UNIOESTE, Cascavel PR.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PERANTE ALUNOS SURDOS: Enfoque na perspectiva bilíngue

Autora: Rosilda Aparecida do Nascimento Guimarães¹

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES

Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis

rosildalettras_.gata163@hotmail.com¹

Resumo: O presente estudo, ainda que inicial, tem por finalidade refletir sobre o ensino de língua portuguesa perante os desafios que alunos surdos apresentam. Nessa perspectiva, salientamos que, conforme Góes (1999), a corrente do bilinguismo assume a língua de sinais como primeira língua da criança surda, já como segunda língua está aquela utilizada pelo grupo social majoritário. Assim sendo, é importante frisar que a língua portuguesa, além de ser considerada sua segunda língua, é a principal utilizada na sala de aula, em que a maioria dos alunos são ouvintes e falantes desta. Para atingir o objetivo aqui elencado, adotamos uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, deixando possibilidade de aplicação em campo. Hoje é cada vez mais frequente a presença de alunos surdos nas salas de aula regulares, o que implica colocar os professores do Ensino Fundamental e Médio, frente aos desafios que a inclusão social dos alunos surdos representa para a escola e para a sociedade. Neste contexto, de acordo com o censo de 2002, publicado pelo IBGE, estima-se que no Brasil 10% de sua população apresenta algum nível de perda auditiva. Classificada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como leve, moderada, acentuada, severa, profunda e anacusia (ausência total do som), o contingente de surdos no Brasil distribuído nessas categorias atinge índices significativos. O dado mais crítico, no entanto, é que, segundo as estimativas oficiais, desse grupo, apenas 2% dessas pessoas frequentam a escola. De acordo com o MEC/INEP, dentre esses, apenas 6,3 % consegue concluir os ensinos fundamental e básico e 3% leva a bom termo o ensino médio. Embora os motivos para explicar esse baixo afluxo para as escolas e o

aproveitamento escolar quase insignificante desses alunos possam ser muitos, talvez uma das principais razões tenha a ver não só com a dificuldade de comunicação estabelecida entre surdos e ouvintes, mas também com o fato de os métodos pedagógicos adotados pelas instituições de ensino para trabalhar os conteúdos programáticos não atenderem as necessidades educacionais especiais desses indivíduos. Neste contexto, acreditamos que o conhecimento das duas línguas que, a propósito, apresentam estruturas linguísticas tão diferenciadas entre si, é imprescindível para o sucesso de tais indivíduos. Assim, conclui-se que o trabalho de língua portuguesa requer estratégias diferenciadas principalmente no que diz respeito à interpretação e produção textual.

Palavras-chave: Binlguismo. Inclusão social.

Referências:

GESSER, Audrei. LIBRAS? : Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo:Parábola Editorial, 2009

QUDROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem – Porto Alegre: Artmed, 1997

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz Dra: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: um meio de construir escolas para todos no século XXI INCLUSÃO - Revista da Educação Especial - Out/2005

Universidade de Murcia – Espanha / Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br>

LEITURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO

Autora: Carmelita Urbina da Silva¹

*Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES
Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis*

carmemcast1@hotmail.com¹

Resumo: *A pesquisa aqui acenada busca refletir sobre a interação entre os processos de leitura e a formação de leitores críticos. Para que realmente estabeleça significados textuais é necessário que aconteça interação entre o leitor e o autor, mediado pelo texto escrito. Em discussões recentes sobre leitura, o texto deixou de ser visto como um mero lugar de informações prontas a serem descobertas, sendo a sua compreensão resultado da interação entre os conhecimentos prévios acionados pelo leitor e a informação contida no texto. Nesta perspectiva, tal leitor, diante de um texto, assume um papel ativo na construção do sentido, já que o autor apenas sinaliza o caminho que deve ser seguido. Hoje, sabemos que a educação passa por um período onde o desinteresse de leitura é muito grande, assim temos um índice cada vez menor de cidadãos críticos em nossa sociedade. Percebemos que a forma de despertar interesses nos educandos não é uma tarefa fácil, pois com esse mundo tecnológico que atrai a maioria das pessoas, os bons livros ficaram esquecidos. Ao se referir à maneira que as escolas trabalham a leitura, deduz-se, então, com base em aporte teórico, que a mesma não está sendo abordada de uma forma eficaz e atraente, por às vezes faltar à maneira dinâmica e viva como deveria acontecer, para que despertassem realmente em cada um o interesse pela leitura e se estruturasse assim desde a infância, prática essa que se ficar ausente, estará deixando de construir pequenos leitores para que no futuro tenhamos verdadeiros cidadãos. A leitura interativa nos possibilita entender e interpretar como, por exemplo, placa de trânsito, jornal, quadros, texto, imagens, proporcionando assim, extrairmos muitas informações de*

tudo que estamos envolvidos, confirmamos então as grandes possibilidades que a ela propõe a cada instante para o leitor. Portanto, por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, definimos a importância da leitura interativa e suas contribuições para a formação de cada cidadão, que tem a condição de se tornar cada vez mais entendido, esclarecido, com raciocínio lógico, pensamento crítico, preparado para entender a si mesmo e o mundo que o envolve em diversas situações, assim preparado automaticamente para exercer a cidadania de forma inteligente.

Palavras-chaves: Processos de leitura. Leitores críticos. Leitura interativa.

Referências:

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito e leitura**. São Paulo, Editora Ática S.A. 2000

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos, 74)

ORLANDI, Eni Pulnicelli. **Discurso e leitura**. 6. Ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001 (Coleção Passando a Limpo).

A LINGUAGEM E SUAS AÇÕES NO ENSINO MÉDIO REGULAR: A contribuição do PIBID/Letras.

Autora: Eloana Paola da Silva¹

Coautora: Célia Aparecida Campos

Coautora: Leila da Silva Pimenta Dombroski

Coautora: Carmelita Urbina da Silva

Colaboradora: Luciana Aparecida de Carvalho

Colaboradora: Thaila Daniella dos Santos

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES

Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis

bragajma@hotmail.com¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo esclarecer como são construídas as ações no ensino da linguagem para que os alunos do ensino médio regular adquiram habilidades em seu processo de ensino-aprendizagem. E visa também, discutir quais influências o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), em específico o subprojeto de Letras desenvolvido pelo Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena (AJES), na Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel em 2013, nas turmas definidas do 1º e 3º ano, por meio da leitura, interpretação e produção textual, com os recursos dos gêneros do discurso que tem por fundamentação teórica principalmente, as teorias bakhtinianas. O projeto terá duração de seis meses, teve início no dia 16/01/2013. Ao decorrer das aulas percebemos que a escrita dos alunos necessita de cuidados mais relevantes, por isso buscamos trabalhar com método simplificado e criativo, mas que fixam a atenção e desperta o interesse do discente. O maior obstáculo enfrentado por nós professores iniciantes do subprojeto de Letras é o descontentamento dos alunos ao interpretar para produzir. Eles admitem, e nós confirmamos através das aulas, como a base da interpretação e produção textual é deficiente, muitos alunos dizem que não entendem os textos por isso não conseguem produzir, outros até entendem,

mas não gostam de escrever. Embasado nessa proposta, os professores iniciantes do projeto junto com o supervisor que nesse processo é atuante e busca trabalhar a leitura e produção textual partindo do contexto dos alunos, os quais muitas vezes em seu déficit de aprendizagem exigem uma retomada ao conteúdo das séries iniciais para assim fazer com que esses alunos possam de fato entender o que está sendo proposto a eles e aos poucos avançar na construção do mesmo.

Palavras-chave: PIBID. Linguagem. Prática.

Referências:

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 17 ed São Paulo: Ática, 2008

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2001

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999

EVANGELISTA, A.A.M. et al. **Professor/ leitor, aluno/autor**: Belo Horizonte, 1998

IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: o gênero do discurso em foco

Autora: Alessandra de Souza Miranda¹

Coautora: Jéssica Paola Bastiani Clêmcio

Coautora: Rosilda Aparecida do Guimarães

Coautora: Lidiamara Castilhos Pimentel

Colaboradora: Pamela Cristina Silva Souza

Colaboradora: Ivete Paravisi

Instituição: Faculdade do Vale do Juruena-AJES

Orientadora: Profa. Ma. Leidiani da Silva Reis

alessandra_juina@hotmail.com¹

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a contribuição do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID, para a formação do acadêmico de Letras, futuro professor de língua portuguesa. Para tanto, levamos em consideração a concepção sóciointeracionista da linguagem, que adota o gênero do discurso como objeto de ensino aprendizagem, como norte das discussões aqui elencadas, uma vez que foi tal concepção que permitiu vencer o obstáculo em aliar a teoria com a prática. Com base no subprojeto de Letras, desenvolvido na Instituição de Ensino Superior do Vale do Juruena, a AJES, iniciamos as práticas pedagógicas extracurriculares na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, localizada no município de Juína – MT, em 2012/2013. O trabalho, que rendeu muitos resultados surpreendentes, nos despertou a curiosidade em analisar detalhadamente este processo e, então pautados em fundamentação teórica sob a qual foi construído o subprojeto, procuramos, por meio do presente trabalho, transpor as rupturas e impactos positivos que nada mais são, em hipótese, frutos do trabalho amparado pelo PIBID. Em sumo, buscamos deixar explícita a estreita ligação entre a iniciação à docência e a experiência prática, que apenas vem a somar com a teoria acadêmica fazendo a conexão fundamental entre o compreender e o

realizar. Constatamos que a combinação entre a teoria adquirida na faculdade e a experiência vivenciada no ambiente escolar proporcionada pelo PIBID contribuem de forma direta para a formação de qualidade do acadêmico de letras enquanto educador ideal.

Palavras-chave: Iniciação à docência. Práticas pedagógicas. Professor ideal.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas e fundamentos do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo. Hucitec, 1992

_____. **Estética da Criação Verbal.** 4 ed. São Paulo : Martins e Fontes 2003

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Fundamental – Língua Portuguesa.** Brasília: SEF/MEC, 1998

CAPES. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.** Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 27 Mar. 2013

CUNHA, Maria Isabel da (org). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária.** Campinas, SP: Papirus, 2007

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação.* In: KARWOSKI, Alcir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.).

Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2011, p.17-31.

LÁ VEM O SURDO, E AGORA?

Autora: Giselda Ribeiro de Souza¹
Coautora: Jackeline Goulart de oliveira

Instituição: Universidade Federal de Goiás-UFG
Orientadora: Daniel Carvalho

Resumo: O primeiro contato com uma pessoa surda costuma causar espanto, sentimento de pena ou incompreensão. No entanto, após uma aproximação, estes indivíduos, tão parecidos e tão diferentes de nós ouvintes, causam curiosidade e principalmente respeito. A surdez não é uma deficiência identificável à primeira vista, uma vez que é sensorial e não física. Isso de certa forma contribuiria para que o surdo, não tivesse qualquer problema em socializar-se, porém, ocorre exatamente o contrário, visto que, estes indivíduos não estão totalmente adaptados ou aceitos socialmente. No que diz respeito à comunicação existem dificuldades, pois a maioria das pessoas não sabe ou não têm interesse em se comunicar com eles. Ao passo que, somente quem convive direta ou indiretamente com o surdo, sabe o que significa a surdez e quais são as peculiaridades linguísticas dos sujeitos surdos. Mitos de que o surdo é incapaz de aprender ou que a LIBRAS seja mímica compõe o pensamento social, o que hoje se tem feito é tentar provar que a língua de sinais é uma língua natural. Quadros R. M., reforça o seguinte pensamento de Chomsky: Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e emoções. As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo oral, mas o canal

espaço visual como modalidade linguística. (1997, p.47). Espera-se que no futuro, o valor das pessoas surdas, seja realmente reconhecido e aquilo que está sendo ofertado a ele no presente, seja efetivado de forma global e irrestrita, ou melhor, que não seja só da “boca para fora”, posto que os mesmos já perderam muito por terem sido segregados durante anos em escolas especializadas que só serviram de pano de fundo para a grande discriminação que assola o país, além de não acrescentarem em nada no seu processo de desenvolvimento enquanto pessoa ou como cidadão. Então não é justo que a inclusão faça o mesmo.

Palavras-Chave: Libras. Surdo. Ouvinte. Mitos.

Referências

QUADROS, R. M. **Língua de sinais brasileira:** Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FOLIVER, SACKS. **Vendo vozes:** Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo, SP: Schwarcz Ltda, 2010.